

Protesto marca passagem de FH pelo Rio

Raimundo Valentim/AE

Presidente visita projeto assistencial em área violenta, anuncia a criação de fundo social com recursos da venda de imóveis da União e enfrenta críticas de favelados

ROBERTA JANSEN

RIO — O presidente Fernando Henrique Cardoso prometeu ontem, durante sua primeira visita oficial ao Estado, criar um fundo de investimento social para o Rio com recursos provenientes da venda de imóveis e terrenos da União que estavam sendo subutilizados. A proposta foi feita pelo sociólogo Rubem César Fernandes, coordenador do movimento Viva Rio, e imediatamente acatada pelo presidente. "Esse é o momento para empreendermos ações concretas", afirmou Fernando Henrique durante seu discurso na Fábrica de Esperança, um projeto social de geração de empregos, em Acari, Zona Norte, uma das áreas mais violentas da cidade.

Do lado de fora da fábrica, pelo menos 200 moradores da favela de Acari fizeram uma manifestação exigindo o que consideram uma "ação concreta do governo federal": a aprovação do salário mínimo de R\$ 100. "Mínimo de R\$ 100 causa rombo na Previdência. Aumento dos salários do presidente, deputados e senadores não", dizia um cartaz dos manifestantes. "O Brasil hoje já é um outro País, a mudança é sensível", discursava Fernando Henrique para cerca de 200 representantes da sociedade civil, convidados para a cerimônia. "Aqui ao lado mesmo havia uma feira de carros roubados, tolerada pelas autoridades, e que, agora, acabou", exemplificou o presidente. "Queremos nossa feira de volta", bradavam alguns ma-

nifestantes. "Ela dava o nosso sustento", justificavam.

A disposição de se unir à sociedade civil para resolver os principais problemas brasileiros ficou patente durante todo o discurso do presidente. "Há momentos em que os partidos políticos ficam pequenos diante da grandeza dos desafios", afirmou o presidente. Fernando Henrique admitiu que não se acaba com a miséria brasileira em quatro anos, mas disse que seu governo está dando o primeiro passo. "Não basta desejar coisas, é preciso concluir projetos", prometeu, lembrando que

a cooperação da sociedade civil é fundamental. Na chegada à fábrica, o presidente quebrou o protocolo de sua segurança e cumprimentou algumas pessoas que se aglomeravam na porta para vê-lo. Segundo ele, o gesto foi uma forma simbólica de demonstrar a união do governo com a sociedade.

Os sociólogos Herbert de Souza, da Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, e Rubem César, do Viva Rio, discursaram antes do presidente e apresentaram algumas propostas para resolver o problema da violência e da miséria no Estado. Recursos para a ampliação do Porto de Sepetiba, transferência da sede do Banco Central e da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) para o Rio e a renovação do convênio entre os governos federal e estadual para acabar com a violência foram os principais pedidos. Segundo eles, tais empreendimentos atrairiam mais investimentos para o Estado e gerariam empregos.

C
ARTAZ
LEMBRA
VETO DO
PLANALTO AO
AUMENTO DO
SALÁRIO
MÍNIMO



Manifestantes são contidos por grupo de policiais militares: irritação com aumento de vencimentos na cúpula dos Três Poderes